

## DA REFERÊNCIA AO DISCURSO: UMA ANÁLISE DE IMAGENS DO LIVRO DE LEITURA *GOIAZ CORAÇÃO DO BRASIL (1934)*

NARA MENDES MOREIRA

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

---

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise de imagens que compõem o livro de leitura *Goiás Coração do Brasil (1934)* e compreender de que maneira essas imagens conduzem o público leitor a construir visualidades de teor patriótico. Para isso, foram tecidas considerações sobre o uso de livros e imagens como fontes históricas e discutimos também sobre os aspectos histórico-culturais do livro de leitura em questão. Para a realização da análise das imagens foi utilizada a metodologia semiótica articulada a uma abordagem histórica. Por meio dessa análise, concluímos que a articulação entre texto e imagem, que é proposta na obra, possibilita a doutrinação de um olhar nacionalista e de exaltação ao estado de Goiás.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fontes Históricas. Livro de Leitura. História da Educação em Goiás. Análise de Imagens.

---

### INTRODUÇÃO

As imagens fazem parte de nossas vidas desde os primórdios, atuando efetivamente na construção de possíveis “realidades”. Não é recente a compreensão de que elas contam histórias e de que são capazes de moldar nosso olhar e comportamentos devido ao conteúdo e expressão que emergem delas. Porém, é importante ressaltar que a significação das imagens não é ensimesmada e está associada a uma série de fatores contextuais localizados no tempo e no espaço.

Para desenvolver a escrita deste artigo, realizamos um estudo bibliográfico de autores que abordam temas relevantes sobre a história do livro, das imagens e do livro de leitura<sup>1</sup>. Utilizamos como aporte teórico a História Cultural, entendendo que ela tem como preocupação “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16), realizando, então, uma investigação sobre representações.

Neste texto traçamos um percurso em que primeiro foi discutido sobre o livro e a imagem como fontes históricas, partindo da ideia de materialidade do livro como condutor de práticas e representações. Depois, foi abordada a imagem não somente pelo âmbito dos elementos gráficos, ressaltamos também a importância de compreender as propriedades culturais e sociais em que a imagem foi produzida. Em seguida, fizemos uma contextualização sobre o livro de leitura *Goiás Coração do Brasil (1934)*, em que discutimos aspectos que constituem o objeto. Por fim, foram analisadas algumas imagens expostas no livro de leitura em questão para elucidar a ideia de que a autora promove, por meio das imagens e do discurso, a instrução de crianças fundamentada em uma doutrinação patriótica e de exaltação ao estado de Goiás.

## LIVROS E IMAGENS COMO FONTES HISTÓRICAS

A história do livro não é estática, ela vem sofrendo alterações desde a Antiguidade até hoje. O historiador Roger Chartier, que realizou uma extensa pesquisa acerca do livro, afirma que é impossível falarmos da história deste objeto sem colocarmos em questão o desenvolvimento da escrita e da leitura. Segundo Chartier (2001), para entendermos essa trajetória, precisamos compreender que livro, leitura e escrita são “categorias” interligadas que medeiam a maneira como produzimos, consumimos e nos apropriamos desse material.

Desta maneira, o autor faz um panorama sobre a cultura do escrito e a cultura do impresso. Ele ressalta que antes da invenção da prensa por Gutenberg – muitas vezes creditada como a verdadeira deflagradora da cultura do impresso –, no Oriente, China, Coréia e Japão já realizavam impressões limitadas para a igreja e para o império com caracteres móveis. Esse modelo de impressão não teve tanta aderência como a técnica de gravação de textos em pranchas de madeira, a xilogravura, que por sua vez, influenciou a cultura do impresso no Ocidente. De acordo com Chartier (2001):

[...] Gutenberg abre na história do Ocidente a possibilidade da multiplicação dos textos em um tempo em que esta era restrita; [...] a multiplicação com uma baixa nos custos de produção vem a ser uma realidade absolutamente indubitável, fundamental, que possibilitou [...] a penetração da cultura escrita, graças à sua forma impressa, em meios sociais que tradicionalmente estavam fora do mundo escrito. (p. 37).

A expansão da produção de livros, possibilitada pela técnica desenvolvida por Gutenberg nos leva a refletir sobre a complexidade da historicidade do livro enquanto material, levando em consideração as características de sua produção e recepção. Dias (2018) expõe que “o livro é um objeto cultural, portador de marcas e usos” (p. 48), para a autora, o livro é um instrumento capaz de incidir vivências individuais ou coletivas, que podem determinar processos de apropriação.

Nessa perspectiva, o papel do leitor é essencial para a produção de sentido e materialidade do texto, já que as práticas de apropriação do mesmo estão vinculadas essencialmente às leituras e interpretações que são concebidas a ele. Sobre isso, Chartier expõe:

Qualquer leitor pertencente a uma comunidade de interpretação e se define em relação às capacidades de leitura; entre os analfabetos e os leitores virtuosos há todo um leque de capacidades que deve ser reconstruído para entender o ponto de partida de uma comunidade de leitura. Depois vêm as normas, regras, convenções e códigos de leitura próprios a cada uma das comunidades de leitura. Nisto consiste a maneira de dar uma realidade sociocultural à figura do leitor. Posso dizer, de maneira um pouco simplista, que se deve levar em consideração a materialidade do texto e a corporeidade do leitor, mas não só como uma corporeidade física

MOREIRA, N. M.

(porque ler é fazer gestos), mas também como uma corporeidade social e culturalmente construída. (2001, p. 31-32).

A partir desta pontuação, o autor supõe que a leitura é “uma prática de invenção de sentido” (p. 33) associada às imbricações socioculturais de uma sociedade. Para ele, “há livros ou textos impressos que se transformam em práticas ou em comportamentos para aqueles que leem e para aqueles que os escutam ler” (p. 35). Essa produção de sentido está condicionada ao contexto histórico, político e social da época. Então, a preocupação do historiador não é simplesmente entender como se dão as leituras em determinada época ou lugar, mas, sim, tentar entender como essas leituras se dão dentro dos contextos nos quais estão inseridas.

Da mesma forma que percebemos o texto escrito como um condutor de práticas culturais, as fontes históricas não verbais também são portadoras de narrativas socio-históricas e socioculturais, isso resulta das marcas da existência humana.

Nossas imagens mais antigas são simples linhas e cores borradas. Antes das figuras de antílopes e de mamutes, de homens a correr e de mulheres férteis, riscamos traços ou estampas a palma das mãos nas paredes de nossas cavernas para assinalar nossa presença, para preencher um espaço vazio, para comunicar uma memória ou um aviso, para sermos humanos pela primeira vez. (MANGUEL, 2001, p. 30).

Como Manguel (2001) expôs, desde quando a humanidade habitava cavernas e dominava somente ferramentas rudimentares já utilizávamos imagens em nossa comunicação, e o significado que damos a elas se refere ao uso que fazemos delas. Desse modo, toda imagem é um recorte de seu contexto de produção, não existindo imagem inocente: cada imagem é um resultado de escolhas tanto do que se mostra quanto daquilo que se oculta.

Segundo Cardoso e Mauad (1997), durante muito tempo considerou-se que a história da humanidade só poderia ser contada através do texto escrito; foi preciso desconstruir essa ideia para notar que toda produção humana, seja ela material ou subjetiva é capaz de fornecer conteúdo para os historiadores. Desta forma, pinturas, desenhos, fotografias e o próprio livro passaram a ser considerados textos suscetíveis à leitura.

É claro que o que está permeando esta nova perspectiva documental é uma total transformação da ótica tradicional da história. Não mais uma história do individual, das singularidades de uma época, sintetizada na ideia de uma narrativa dos grandes fatos e dos grandes vultos. O que está em questão, a partir de então é o desvendamento das especificidades de épocas históricas, compreendidas a partir de seu caráter transindividual. (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 569).

A abertura em relação às fontes históricas vem promovendo uma aproximação dos estudos da História com outras áreas do conhecimento, dentre elas o campo de estudo das Artes. Por meio dessa aproximação, os historiadores têm buscado maneiras

de trazer protagonismo para as fontes históricas não verbais, inclusive no âmbito de pesquisas realizadas com imagens.

Apesar dos historiadores buscarem uma metodologia adequada para o estudo de imagens como fontes históricas, é uma tarefa difícil limitar as ferramentas metodológicas a somente uma. Segundo Cardoso e Mauad (1997):

Num percurso já relativamente longo, se o quiséssemos tentar, seria preciso referir-nos a múltiplos enfoques: história da arte a partir dela, como a “iconologia” de Erwin Panofsky, sociologia da arte, enfoques marxistas dos objetos visuais, visões psicológicas ou psicanalíticas – para mencionar só algumas das possibilidades. (p. 569).

Tendo em vista essa amplitude de enfoques possíveis para se desenvolver pesquisas históricas com uso de imagens, Cardoso e Mauad (1997) expõem sobre o uso da semiótica como metodologia para fins históricos. Para eles, a semiótica é o estudo da simbologia dos significados, para utilizá-la no que diz respeito aos estudos com imagens, é importante ter compreensão da noção de ícone, proposta pelo filósofo Charles Sanders Peirce (1975 *apud* CARDOSO; MAUAD, 1997):

[...] um ícone “é um signo que se refere ao Objeto que denota simplesmente por força de caracteres próprios [...] que ele possuiria”: um signo tal que é “uma qualidade que ele possui que o torna “apto” a ser um signo, segundo o princípio de que “qualquer coisa tem condições de ser um *Substituto* de qualquer coisa que se assemelhe”. (1997, p. 570).

Desta forma, o filósofo propõe a interpretação do ícone a partir de três momentos distintos, sendo eles: primeiridade, secundidade e terceiridade. De acordo com Quadros e Aguiar (2014), a primeira terminologia faz referência à experiência visual imediata, por meio da qual reconhecemos objetos, formas e cores, porém a interpretação das ações, ou seja, daquilo que está acontecendo e de quem são os atores, só acontece no segundo momento, na secundidade. Já a terceiridade “aproxima as duas categorias em uma síntese intelectual e corresponde ao nível de inteligibilidade ou pensamento em signos, através do qual representamos e interpretamos o mundo” (p. 89), ela é referente ao momento em que fazemos a interpretação da simbologia através dos ícones.

Apesar de serem importantes no campo de interpretação de imagens, as contribuições de Peirce (1975) não estão imunes a críticas e questionamentos, alguns deles muito relevantes para este artigo. A principal problematização diz respeito ao aspecto positivista da teoria Peirciana que conduz a concepção de que existem símbolos naturais ou de que existe uma realidade única a ser lida.

De acordo com Cardoso e Mauad (1997), existem outros semiotistas, tais como Umberto Eco (1980) e Ernest Gombrich (1985), que consideram não apenas a noção de denotação (sentido literal) para realizar o estudo de imagens, mas, sim, a noção de

MOREIRA, N. M.

conotação (sentido simbólico) compreendendo a importância das apropriações culturais e sociais para dar sentido às imagens.

Nesse sentido, o que consideramos mais apropriado para a realização do estudo histórico de imagens é uma junção dessas noções, “um caminho duplo. O da passagem de uma semiótica sógnica [...] a outra, mais ampla, da significação” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 572), pois entendemos que não apenas as propriedades gráficas são importantes para compreender as imagens, mas também as propriedades culturais e sociais em que elas foram produzidas.

Portanto, ao tratarmos da história de um livro de leitura regional, não podemos levar em consideração apenas as características e construções de significados do texto escrito, precisamos levar em consideração todo o contexto em que ele foi produzido e todo conteúdo imagético que aquele instrumento é capaz de comportar, para assim perceber sua consciência e significação.

#### O LIVRO DE LEITURA *GOIAZ CORAÇÃO DO BRASIL*

No Brasil, o livro didático<sup>2</sup> como conhecemos nem sempre existiu, ao longo do tempo esse suporte sofreu e continua sofrendo alterações. No período colonial, por exemplo, clássicos europeus eram utilizados nas escolas brasileiras, o que perdurou até meados do século XX. De acordo com Tambara (2002), isso se deu devido à hegemonia de autores europeus e à desmotivação da imprensa real em produzir livros escolares.

De acordo com Valdez (2004), a publicação de livros de leitura no Brasil foi a primeira demonstração de uma literatura seriada direcionada para a infância em nosso país. Os livros de leitura apresentavam textos atrativos que colocavam a leitura como evidência e tinham a função primordial de formar “bons homens” para o progresso da nação.

Escrita por Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, *Goiáz Coração do Brasil (1934)* foi a primeira obra sobre a história de Goiás para o uso de crianças e professores no curso primário. A adoção do livro foi aprovada com base no “Decreto 4.349, de fevereiro de 1934 com indicação de aquisição de número suficiente para atender todas as escolas primárias do estado” (RIBEIRO, 2013, p. 5). De acordo com a própria autora da obra, o livro de leitura escrito por ela era específico para crianças de terceiros e quartos anos de Grupos Escolares.

Nascida no Rio de Janeiro, Ofélia Monteiro teve vínculo com Goiás desde sua infância, onde conviveu com as oligarquias políticas do estado. Formou-se em Pedagogia pela Escola Normal de São Paulo e mudou-se efetivamente para Goiás em 1922, exercendo a função de professora do Grupo Escolar da então capital goiana. Segundo Ribeiro (2013), ao longo dos anos, Ofélia associou sua atuação como docente à formação de professores e diretora de Grupo Escolar, chegando em 1930 à cadeira de Didática da Escola Normal da Capital.

O desempenho do trabalho exercido por Ofélia Monteiro deixava evidente sua conexão com o projeto de formação do cidadão republicano que também era de interesse do governo, assim, a autora era considerada por pais, alunos, professores e dirigentes educacionais como uma referência da inserção da escola no cotidiano social. Isso se caracteriza devido às novas articulações político-administrativas que havia entre escola e sociedade em Goiás naquele momento.

A dinâmica de transição oligárquica que se efetivava no final da década de 20 e início dos anos 30 apresenta na gestão de Pedro Ludovico um discurso nacionalista e moralizador com a intenção de atingir todos os setores da sociedade inclusive o da educação. (CANEZIN; LOUREIRO, 1994, p. 66).

A escrita do livro *Goiás Coração do Brasil (1934)* gira em torno do interesse de promover as qualidades do estado e de seus habitantes. A ideia da autora era incentivar uma ideologia nacionalista de civilização ao relatar a grandeza, as riquezas e os avanços do lugar. Além disso, a autora sintetiza por meio das narrativas do livro, como a escola, o professor e o aluno deveriam ser, valorizando o papel da instrução para a formação de sujeitos dignos. Sobre isso, Ribeiro expõe:

Seu livro didático é um texto objetivo, embora esteja aparentemente repleto de meiguices, amores e alegrias. [...] A escola é idealizada, mas também objetivada, assim como o professor e o aluno, porque a pátria é uma produção subjetiva que deve produzir resultados concretos. O livro de leitura sobre história de Goiás escrito por Ofélia apresentará também um estado idealizado, que devemos também admirar e amar, e, objetivamente, ajudar a construir. (2013, p. 4-5).

É importante ressaltar que o livro foi editado pela primeira vez em 1934 e a segunda vez em 1983, quando a autora fez uma complementação de capítulos dividindo o livro em duas partes. Em nota de abertura da edição de 1983, Ofélia Monteiro assegura que a primeira parte do livro é uma edição "fac-símile" da edição de 1934, enquanto a segunda foi uma atualização de dados e acontecimentos ocorridos após a transferência da capital para Goiânia.

Desta forma, a primeira parte da obra está dividida em setenta e quatro capítulos e dispõe de vinte e nove imagens, já a segunda parte compreende vinte e oito capítulos e cinco imagens. Com essa formatação, Ofélia Monteiro apresenta uma multiplicidade de tipos de textos, dentre eles narrativas, cartas, poemas, hinos, cantigas e biografias de personalidades políticas. Além disso, a autora exhibe curiosidades sobre o Estado e faz uso das imagens para potencializar seus escritos.

#### AS IMAGENS NO LIVRO *GOIAZ CORAÇÃO DO BRASIL*

O primeiro livro didático sobre a história de Goiás para crianças apresenta uma quantidade significativa de elementos que dão vazão à pesquisa em um livro de leitura, porém, aqui nos deteremos apenas a realizar a análise de algumas imagens em diálogo com o conteúdo textual apresentado na obra.

Com um valoroso poder ilustrativo, as vinte e nove imagens que compõem a edição de 1934 podem ser categorizadas em quatro grupos distintos, sendo o maior deles de paisagens da natureza, os outros são formados por construções, pessoas e intervenções humanas na natureza. Das cinco imagens encontradas na parte

MOREIRA, N. M.

complementar, de 1983, três são de construções, que tentam ilustrar o progresso da nova capital, uma é referente a uma festa regional, aparentemente Cavalhadas, e a outra se refere à única imagem de figura política encontrada no livro, uma fotografia de Pedro Ludovico Teixeira, o principal responsável pela construção de Goiânia. É importante ressaltar que todas as imagens do livro estão em preto e branco.

Presumimos que todos esses elementos gráficos são fotografias, porém algumas apresentam características de pintura, mas, devido à baixa qualidade das imagens expostas na primeira parte do livro, não é possível precisar sobre isso. Nos chamou a atenção o uso da fotografia como recurso gráfico em um livro de leitura da época, isso porque a fotografia ainda não era uma prática popular e acessível nas primeiras décadas do século XX. Mauad (1996) pondera que o controle dos meios técnicos para a produção cultural era de uso quase que exclusivo da classe dominante até a década de 1950. Outro ponto interessante é que, em todo o livro, não foram encontradas referências sobre autoria ou escolha das imagens.

Percebemos que os recursos gráficos do livro de Ofélia estão a serviço do texto, eles aparecem com a finalidade de ilustrar o que está escrito. Para Dias (2018), Ofélia Monteiro utiliza as fotografias como recurso didático, com o objetivo de levar as crianças a compreenderem o concreto, associando esse meio a uma proposta intuitiva.

Compreendemos que, apesar da proposta de Ofélia Monteiro de promover sentidos por meio da articulação entre imagem e texto, essa relação nem sempre é instantânea, pois uma fotografia pode estar imbuída de significações. De acordo com Cardoso e Mauad (1997), para se chegar àquilo que “não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico, há de se perceber as relações entre signo e imagem, aspectos da mensagem que a imagem fotográfica elabora; e, principalmente inserir a fotografia no panorama cultural” (p. 574), compreendendo em que contexto ela foi produzida e entendendo que sua escolha pode estar associada a uma visão de mundo. Esses elementos podem ser elucidados com base em uma análise semiótica, pautada em aspectos históricos.

Desta maneira, escolhemos três imagens presentes na primeira edição do livro de leitura para fazer uma breve análise com base nos estudos da semiótica, que já foram discutidos neste artigo anteriormente. “Ler uma imagem, historicamente, é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada.” (DOS SANTOS; SARDELICH, 2019, p. 35).

Assim, dentre as imagens escolhidas, a primeira e a segunda referem-se ao grupo das intervenções humanas realizadas na natureza, enquanto a terceira é relativa a uma paisagem. A escolha dessas imagens foi orientada pelo conteúdo textual que acompanha cada uma, pois ele nos auxilia na realização da análise semiótica pautada em uma abordagem histórica.

Levaremos em consideração para a realização desta análise não apenas o sentido denotativo das imagens, mas também o sentido conotativo, considerando a significação atribuída de acordo com o contexto da época da produção do livro de leitura. Assim sendo, as imagens serão analisadas em três momentos: no primeiro faremos a descrição denotativa dos elementos visualizados; no segundo, utilizaremos o aspecto conotativo para falar sobre a mensagem simbólica desses elementos; no último

momento faremos uma associação das etapas anteriores, a fim de desenvolver uma síntese interpretativa.

**Figura 1:** Goiaz



**Fonte:** Monteiro (1934, p. 25).

Com base na observação da imagem que acompanha o primeiro capítulo do livro (Figura 1), podemos descrever de maneira denotativa que, na parte inferior, do lado direito da imagem, encontra-se aquilo que aparentemente é um telhado, do lado esquerdo vemos uma estrada, e todo o primeiro plano é composto por árvores indistinguíveis. No segundo plano da imagem é possível ver algumas casas e casarões de paredes claras, o espaço é dividido com outras árvores e é possível distinguir uma igreja em meio às construções. No terceiro plano, temos um conjunto de serras, acima das serras existe apenas um clarão, um vazio branco.

Em relação aos aspectos conotativos, podemos afirmar que se trata de uma fotografia de um povoado ou uma cidade, porém devido à baixa qualidade da imagem, não é possível discriminar detalhes. Por ser uma fotografia em preto e branco entendemos que o clarão acima das serras é o céu.

Ao unir os elementos das etapas anteriores com a contextualização que temos da imagem, de onde ela está inserida e da legenda, entendemos que é uma foto da Cidade de Goiás, inserida no texto para ilustrar as belezas da cidade: o céu claro, as serras extensas e cheias de riquezas e a cidade que desponta em meio à natureza farta e exuberante.

Fica claro o uso instrumental da imagem como uma extensão do texto e um reafirmador da narrativa que está sendo montada. A fotografia, tirada em um ponto mais alto que a cidade, tenta nos falar da força do homem em moldar a natureza para o

MOREIRA, N. M.

progresso do Estado, ao mesmo tempo que mostra quanta natureza ainda existe a ser explorada. Então, a escolha de se utilizar uma imagem com tantas árvores no primeiro plano pode ser mais proposital que aparenta, uma vez que as belezas naturais do local são temas recorrentes durante a narrativa, como podemos confirmar com o trecho abaixo:

Para qualquer lado que se volva a vista, depara-se com um belo morro: ao sul, o vulto agigantado e majestoso da Serra Dourada; a leste o D. Francisco, a nordeste o Morro das Lages; ao norte, lindo e bem escuro, o Cantagalo, que serve de fundo á poetica Santa Barbara, capelinha pobre e muito branca, construida sobre uma colina; a oeste pequenos morros sem importancia.

Uma cousa, que logo atrai a atenção de quem chega a Goiaz, é o excesso de luz solar. Durante o dia, o sol, ardente e excessivamente brilhante, ofusca os olhos, reverberando intensamente sobre o casario alvo e as brancas lages do calçamento.

Por toda a parte ha como uma orgia de luz.

Aqui tudo é mais vivo: o sol tem brilho mais intenso, as folhas são mais verdes, o céu é mais limpido e mais azul... (MONTEIRO, 1934, p. 27-28).

A obra de Ofélia Monteiro foi produzida em um cenário de reestruturação da república. A autora buscava, através do conteúdo manifesto no livro, reforçar uma ideia a favor do período republicano, mostrando que as riquezas próprias e provenientes de Goiás eram também propícias ao desenvolvimento da nação. Nesse sentido, Medeiros (2011) esclarece que Ofélia Monteiro faz uso das imagens, articuladas ao texto, para comprovar esse argumento.

Isso pode ser percebido ao analisarmos a imagem que está articulada ao capítulo intitulado *De Goiaz a S. Paulo II* (Figura 2). No que se refere aos aspectos denotativos desta imagem, podemos observar, em primeiro plano, um caminho aberto entre as árvores da mata. Em segundo plano, percebe-se um homem com roupas claras no canto esquerdo do caminho, próximo a troncos de árvores caídos no chão. Este homem está virado de costas para a câmera. Em último plano vemos a continuação do caminho até o horizonte acompanhado pelas árvores, acima de ambos está o céu e, entre o fim do caminho e o céu, existe um tom cinza que não conseguimos precisar se trata-se de uma serra ou apenas a continuação do caminho.

**Figura 2:** Picadão da Estrada de Rodagem Inhumas – Anápolis



**Fonte:** Monteiro (1934, p. 175).

No que diz respeito aos aspectos conotativos, percebemos que a imagem é referente a uma estrada, provavelmente aberta há pouco tempo, isso se evidencia devido aos troncos de árvores que estão dispostos às margens do caminho. O homem de pé, na estrada deserta, trajando roupas sociais claras nos remete à ideia de que é um viajante, engenheiro ou político e não um trabalhador da obra.

Ao associarmos os aspectos denotativos e conotativos da imagem acima e com o auxílio contextual exposto no texto escrito, evidenciamos que o homem sozinho fitando o horizonte é uma clara construção de uma narrativa, pois ele se posiciona dentro da foto como quem nos convida a também vislumbrar o futuro que se esconde por trás dessa estrada. O ponto de fuga está no centro geométrico da foto, as linhas da estrada e do topo das árvores guiam nosso olhar para esse horizonte, onde a estrada desaparece em uma ilusão de infinitude. A postura do misterioso personagem, vestido de branco da cabeça aos pés, também nos conduz para esse horizonte: a estrada está sendo construída, mas o progresso se encontra logo ali, bem na frente do leitor. E para chegar ao progresso é necessário explorar a natureza, que tem suas matas abertas para que o homem passe. Essa visão romantizada e positivista do progresso se expõe com mais clareza através do texto proposto por Ofélia Monteiro, que dá novos sentidos para a imagem. O texto fala muito da necessidade de uma autoestrada por meio da descrição que a personagem Leila faz de sua viagem de Goiás a São Paulo, na carta escrita para sua prima Jurema:

No fim de muito tempo, sai o auto do mata-burro, com grande satisfação e alívio dos passageiros.

MOREIRA, N. M.

Continua-se a viagem, pela zona chamada Mato-Grosso, por ser a mata virgem, e ter doze léguas de largura.

Chega-se á serra do Catingueiro: - difficil subida e atoleiro: as rodas giram doidamente mas não saem do lugar, como nos acontece nos pesadelos, em que fugimos a alguém, e corremos, corremos... ficando sempre no mesmo ponto.

Impaciente o *chauffeur* dá mais força ao motor: o auto ronca, ronca, deita muita fumaça, as rodas giram com furor e... afundam-se mais na lama. (MONTEIRO, 1934, p. 174).

Em outro momento do texto, em uma menção a Inhumas, a autora nos revela o futuro daquela que era no momento apenas uma “vila pequena”, mas que possuía um belo futuro à sua frente: ser “a Ribeirão Preto de Goiás” (MONTEIRO, 1934, p.175). Nesse sentido, o uso desta imagem no livro é sem sombra de dúvidas um dos mais pungentes, uma vez que toda a construção da imagem leva o olhar do leitor para o horizonte que remete para o futuro. A autora faz a opção de utilizar a imagem de uma estrada em construção, sendo aberta por dentro a natureza mostrando que ali estava o progresso. O uso instrumental da natureza como um recurso a ser explorado pelo bem do homem é explicitado pelas árvores cortadas que descansam à margem da estrada.

Essa relação entre texto e imagem é determinante para uma construção argumentativa que Ofélia Monteiro se propõe a fazer, mostrando “a íntima relação entre o coração do homem, o coração do Brasil, e o coração da natureza” (MEDEIROS, 2011, p. 4). Uma proposta balizadora para a formação de crianças, baseada na ideia de modernidade e exaltação, comprometida também com o modelo idealizado de aluno(a) para a época.

Naquele momento, o estado buscava romper com o atraso e a pouca visibilidade perante a nação, e para isso, precisaria de alunos(as) patriotas e preocupados(as) com o desenvolvimento e crescimento do estado, o que Goiás experimentava a partir de diferentes frentes: educação, economia, transporte e comunicação (construção de estradas e ferrovias) e o surgimento de novas cidades. (OLIVEIRA; PERES, 2016, p. 99).

O modelo esperado de estudante é apresentado no capítulo intitulado *Passeando Pelos Arredores I*, que é referente a uma página do diário da personagem Maria, em que ela relata um passeio feito com o tio e seus dois irmãos, José e Sílvia. No texto, a autora deixa evidente a conduta de uma boa aluna, ao narrar a fala de Sílvia:

– Então, meninada, com uma manhã tão bonita assim, vocês não têm vontade de passear? E se fossemos até a Carioca?

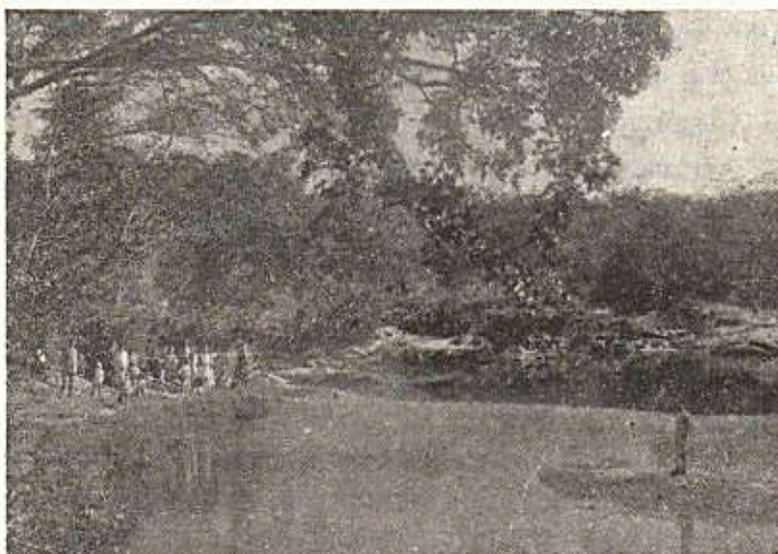
– Bela ideia, titio! apoiou José.

– Mas... e a minha lição, que deixei para fazer hoje? disse Sílvia que, como uma boa aluna, preferia perder o passeio a não saber a lição. (MONTEIRO, 1934, p. 36).

Além de apresentar o modelo de estudante a ser seguido, não só nesse capítulo, mas como em toda a primeira parte da obra, Ofélia Monteiro também traz à tona o encantamento e reverência pelas características naturais de Goiás. Para comprovar,

realizaremos a análise de uma das imagens (Figura 3) que acompanham o texto exposto no capítulo.

**Figura 3:** Carióca (Capital)



**Fonte:** Monteiro (1934, p. 37).

Ao descrever os elementos denotativos da imagem acima, podemos observar, em primeiro plano, que no centro dela existe um corpo d'água, do lado direito, um banco de areia onde há um homem e do lado esquerdo uma árvore frondosa. No segundo plano da imagem, nos deparamos com pedras rochosas a direita do corpo d'água e na margem esquerda há um aglomerado de pessoas. Em último plano observamos uma vegetação fechada de tamanho irregular e acima, o céu claro.

No tocante ao aspecto conotativo, não conseguimos distinguir a partir somente da imagem o que está acontecendo para além do fato de que as pessoas estão em pé às margens de um rio ou lago. A aglomeração de pessoas em uma das margens e a outra pessoa isolada no canto direito não têm relação clara. Devido à baixa qualidade da imagem não conseguimos entender de quais ações essas pessoas estão participando.

Ao articularmos os dois momentos de análise anteriores com os dados oferecidos pelo texto que acompanha a imagem, descobrimos que ela é referente a um passeio ao poço da Carioca. O texto que segue a imagem nos permite entender que ela faz referência a um momento de lazer da época, em uma manhã clara e ensolarada. As pessoas nas margens são, então, cidadãos usufruindo da companhia uns dos outros, enquanto aproveitam as brincadeiras das crianças, os campos verdes, a praia do lago e a água do chafariz, que a autora alega ter o "poder de prender ao solo todos os que dela bebem" (MONTEIRO, 1934, p. 39).

MOREIRA, N. M.

Essa visão romantizada da relação da população com a natureza é ressaltada em diversos outros momentos no decorrer do livro, através da articulação entre texto escrito e texto imagético, que se unem para convencer o leitor das qualidades intrínsecas às terras goianas. O caráter positivista da imagem, aliado ao texto, reafirma a intenção da autora de convencer que Goiás apresentava características arrojadas, porém, idílicas, devido às suas boas opções de lazer, por meio do contato direto com a natureza. Outro ponto de destaque é o fato de Ofélia apoiar-se à ideia de riqueza do estado ao colocar em evidência os recursos minerais que poderiam ser explorados ali. Esse ponto pode ser atestado pela fala do personagem Miguel, tio das crianças, durante o passeio à Carioca:

– Reparem como está linda a natureza, como estão verdejantes os morros. Vêm lá, naquele cantinho, aqueles montes azues, como grandes blocos de pedra? E' a Serra Dourada, a sentinela da nossa cidade. Como vocês devem saber, ela tem um sólo exuberante e riquezas: ouro, cristais... (MONTEIRO, 1934, p. 37).

Ao analisarmos essas três imagens extraídas do livro de leitura *Goiáz Coração do Brasil (1934)*, constatamos que a articulação entre texto e imagem proposta por Ofélia consegue conduzir os leitores a exaltar as belezas do estado e direcionar o olhar das crianças para o modelo de cidadão a ser seguido, pois, só por meio da formação e da instrução de bons homens, se daria o progresso de Goiás e o engrandecimento da nação.

Compreendemos que, no livro de Ofélia, a aproximação entre texto e imagem torna-se essencial para a efetivação da conduta do olhar, já que uma imagem pode oferecer diferentes leituras e por meio da mediação proposta por Ofélia, o olhar torna-se direcionado à ordem e à exaltação.

Por meio desta análise de imagens não objetivamos chegar a pontos definitivos, pois, como salientou Mauad (1996) não é possível ficarmos passivos diante de uma fotografia, "ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem" (p. 15). Sendo assim, o que propusemos aqui foi um exercício de reflexão, mediado por imagens e textos presentes na obra analisada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro é uma obra repleta de discursos que conduzem a comportamentos ditos patrióticos. Por meio dos textos, dos personagens e das imagens, a autora consegue narrar o contexto histórico, político e social vivenciado em Goiás em meados dos anos de 1930, inculcando no leitor a idealização de um estado majestoso que rompia para a modernização e para o progresso.

As crianças aparecem na obra sempre como um modelo estereotipado, muito interessadas, curiosas e dispostas a aprender. Esses aspectos atestam o modelo de "infância e juventude que a pátria esperava construir através da escola" (RIBEIRO, 2013, p. 7), um modelo de indivíduos que apoiavam sua conduta em valores, conduzidos pela obediência, pelos estudos e pelo patriotismo incontestável.

A maneira fantástica e otimista com que a autora propõe a escrita da narrativa, sempre se remetendo aos elementos da natureza com encantamento e imponência,

deixa evidente que, além da exaltação à natureza, a autora expõe a importância do desenvolvimento urbano para a sociedade, mostrando um cenário idealizado de progresso, característico da época.

Portanto, compreendemos que as imagens expostas no livro de leitura *Goiaz do Coração do Brasil (1934)*, são complexas e cheias de significados explícitos e implícitos. Elas dão pistas acerca da sociedade e da época em que o livro foi escrito, potencializando assim, descobertas e aprendizagens sobre o contexto de produção e de apropriação do mesmo.

Artigo recebido em: 29/12/2021

Aprovado para publicação em: 28/03/2022

---

FROM REFERENCE TO DISCOURSE: AN ANALYSIS OF THE IMAGES OF THE READING BOOK *GOIAZ CORAÇÃO DO BRASIL (1934)*

**ABSTRACT:** The present article aims to carry out an analysis of the images that compose the reading book *Goiás Coração do Brasil (1934)* and to understand how these images lead the reading public to build patriotic visualities. For this, considerations were made about the use of books and images as historical sources and we also discussed the historical and cultural aspects of the reading book in question. For the analysis of the images we applied semiotic methodology articulated with a historical approach. Through this analysis, we came to the conclusion that the articulation between text and images in the book was designed to conduce an indoctrination of a nationalist view of exaltation to the state of Goiás.

**KEYWORDS:** Historical Sources. Reading Book. History of Education in Goiás. Image Analysis.

---

DE LA REFERENCIA AL DISCURSO: ANÁLISIS DE IMÁGENES DEL LIBRO DE LECTURA DE *GOIAZ CORAÇÃO DO BRASIL (1934)*

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo realizar un análisis de las imágenes que componen el libro de lectura *Goiás Coração do Brasil (1934)* y comprender cómo estas imágenes llevan al lector a construir visualidades de contenido patriótico. Para ello, se hicieron consideraciones sobre el uso de libros e imágenes como fuentes históricas y también se discutieron los aspectos histórico-culturales del libro de lectura en cuestión. Para realizar el análisis de las imágenes se utilizó la metodología semiótica articulada con un enfoque histórico. A través de este análisis, concluimos que la articulación entre texto e imagen que se propone en la obra, posibilita el adoctrinamiento de una mirada nacionalista y exaltadora al estado de Goiás.

**PALABRAS CLAVE:** Fuentes Históricas. Libro de Lectura. Historia de la Educación en Goiás. Análisis de Imagen.

MOREIRA, N. M.

---

## NOTAS

1 - O livro de leitura foi um tipo de livro escolar que circulou no Brasil da década de 70 do século XIX até a metade do século XX com o objetivo de priorizar e incentivar o processo de leitura de crianças no ensino primário. Segundo Dias (2018), esse tipo de literatura deveria estar de acordo com os programas de ensino da época, apresentando conhecimentos variados, de maneira a evidenciar valores patrióticos, civis e morais.

2 - Apesar de no artigo empregarmos a expressão “livro didático”, elucidamos que este termo ganhou força somente a partir da segunda metade do século XIX.

---

## REFERÊNCIAS

CANEZIN, M. T. & LOUREIRO, W. N. **A Escola normal em Goiás**. Goiânia/GO: Editora da UFG, 1994.

CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. *In: Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.568-582.

CHARTIER, R. A Cultura Escrita na Perspectiva de Longa Duração. *In: Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Artmed, 2001. p. 19-56.

CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. *In: História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª Ed. Lisboa: Difel, 2002. p. 13-28.

DE QUADROS, E. G.; AGUIAR, A. P. Semiótica e História: um exercício metodológico para a análise de fotografias. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 7, n. 1, p. 83-101, 2014.

DIAS, A. R. C. **“Passeando pelos arredores”**: o ensino de História para crianças no livro *Goiaz coração do Brasil* (1934). 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

DOS SANTOS, N. B. & SARDELICH, M. E. Compreensão e Interpretação de Imagens. **E-book – Licenciatura em Artes Visuais**. Goiânia: CIAR-UFG, 2019, Percurso 5 - Eixo 4.

ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 169-190.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MANGUEL, A. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Editora Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MEDEIROS, W. A. Publicações Oficiais em Goiás (Anos de 1930): Imagem como Estrutura e Bricolagem. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: 2011.

MONTEIRO, O. S. N. **Goiaz, Coração do Brasil**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1934.

MONTEIRO, O. S. N. **Goiaz, Coração do Brasil**. Brasília: Ed. Senado Federal, 1983.

OLIVEIRA, I. J. R; PERES, S. M. História do livro escolar - Goiaz: coração do Brasil. **Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 89-104.

RIBEIRO, M. B. A. História ensinada e a questão regional em Goiás: a obra de Ofélia Nascimento. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: 2013, p.1-17.

TAMBARA, E. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da educação**. Pelotas, n. 11, abr, 2002. p. 25-51.

VALDEZ, D. **A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges: o barão de Macaúbas (1856-1891)**. 2006. Tese de Doutorado. Tese de doutoramento, UNICAMP.

VALDEZ, D. Livros de leitura seriados para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930). **Revista Linhas**. Florianópolis: UDESC, v. 5, n. 2, jul./dez.2004. p.219/242.

---

NARA MENDES MOREIRA: Mestre em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Educação Infantil, Alfabetização e Letramento pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professora coordenadora do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Jardim Colorado.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4497-3085>

E-mail: [pronaramendes@gmail.com](mailto:pronaramendes@gmail.com)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).